

**I**A um trabalhador a caminho de casa quando, à porta duma taberna, lhe apareceu o sapateiro da rua, a chamá-lo.

— Vizinho, eh, vizinho. Pode mandar buscar as suas botas, que acabei mesmo agora de as fazer.

— É, já — respondeu o trabalhador, que ficou bem disposto com a novidade. — Mas primeiro havemos de beber um copo para festejar.

— Assente. Mande servir enquanto eu vou num instante buscar a encomenda.

As botas não eram para ele, trabalhador. Tinha-as mandado fazer de bom cabedal, de macia capa de vaca com destino a um enteado.

— Cortei-as — explicou o sapateiro —, com a mesmíssima facilidade com que cortei o papel do molde. Não encontrei um nervo, uma dobra, nada que se dissesse: mal empregado, é desperdício, desfêa a pele. E, vizinho, as dobras, os nós e os olhais do couro, não só desfêam como enfraquecem uma peça. Faça-me compreender?

O trabalhador levou as botas para casa e mostrou-as à mulher.

— Homem — disse ela — ou me engano muito ou tu fizeste grosso erro nas medidas. Como pode a criança com umas sapaterras deste tamanho?

— Foi de propósito. Não te esqueças de que o rapaz está a crescer.

Estavam eles a apreciar as botas, veio o hóspede da casa e deu também o seu parecer:

E, naturalmente, quanto mais avançava a escuridão, mais os entretidos habitantes da cave se dobravam em cima das botas para as poderem ver, decifrar e discutir, a ponto de mergulharem nelas, de lhes irem à alma (como diria um mestre de ofício) e de não as reconhecerem já como vultos mas como dois pedaços de cheiro — o cheiro que delas vinha.

— Tudo vai da qualidade do material — diziam eles, farejando as botas. — Esta pele, tão macia e tão certinha, tanto pode ser tingida como ensebada.

— Hum — resmungou o trabalhador, dono da casa. — Se é certo que o sebo dá duração ao cabedal, não é menos certo que uma obra bem acabada dispensa tudo, seja o que for. E olhe que quem fez esta, caprichou.

— Caprichou, sim, senhor. O vosso Janico fica aqui com calçado para a vida e para a morte.

— Disse-me o sapateiro que não descobriu nervos nem olhais em toda a peça. Nem uma ruga; quer melhor?

— Caso raro. Na nossa terra, que é a nossa terra, não se apanha com facilidade uma pele sem nós.

A mulher, que se tinha ido sentar ao fogareiro, no fundo da casa, concordou:

— Por isso se esperava pelo São Bartolomeu para calçar a família. Em arreios e cabedais, a feira de São Bartolomeu tinha fama. Quando eu era pequena, conhecia aquela feira pelo

Puxou-o por um braço. Mas quando se voltaram para dentro de casa, encontraram-se diante duma mesa iluminada. Sentado a uma ponta estava o padraço, na outra o hóspede; entre um e outro, as botas, o candeiro e uma lancheira nova de tábuas pequeninas.

— Presta atenção — começou o padraço. — Amanhã, de manhãzinha, a tua mãe há-de dar-te esta lancheira com o farnel e estas botas para tu calçares. Não as esfoles, porque são para tingir e engraxar, e lembra-te: para quem procura trabalho, o principal, é a apresentação.

— Posso experimentá-las?

— Não se interrompe — segredou o hóspede; e o dono da casa calou-se, baixando os olhos. Mãe e filho ficaram de pé, na presença da mesa armada e dos dois homens que a guardavam. Daí por instantes, quando entendeu que já seria altura de se fazer ouvir outra vez, o trabalhador olhou dos pés à cabeça o enteado e falou nos seguintes termos:

— Vais, Janico, procurar as praias e os estabelecimentos que, nesta época do ano, se começam a encher de banhistas. Tens a terceira classe, mas tomaram muitos com a quarta saber o que tu sabes de contas e de leitura. Por isso, cuidado: a ninguém, seja a quem for, dizes que te falta o exame e muito menos que tencionas fazer a escola à noite. Nunca, entendes? Os patrões, quando chamam um marçano, é para o terem à disposição a qualquer hora. Agora, o resto é contigo. Levas a cédula onde está escrita a tua idade e acho que não é necessário mais nada. Inclina-te para as casas grandes, cafés de movimento, porque aí, além das gorjetas, sobe-se... — Voltou-se para o hóspede: — Compreende-se. Têm mais dinheiro, estão sempre a abrir novas casas... — Mas, para subir, rapaz, muito respeito e muita apresentação.

Dito isto, o padraço fez uma pausa. Olhou para o hóspede e depois para o enteado:

— Sabes agora o que tens a fazer?

Resposta do rapaz:

— Sei, sim, padrinho.

II

**L**OGO de madrugada o rapaz partiu à aventura. A mãe, descalça e com o cabelo pelas costas, veio acompanhá-lo até o cimo da calçada e isso deu-lhe grande satisfação, porque só uma vez, uma só, em três anos de casada, ela tinha feito o mesmo com o padraço.

Fez viagem entre operários, seus iguais, num «eléctrico» de sono e de campainhas. E mesmo longe de casa e da família, vinha-lhe à lembrança a cerimónia dessa subida nocturna com a mãe.

O sol apanhou-o de surpresa, deslizando ao correr de uma praia deserta.

— Que terra é esta, meu senhor? O revisor respondeu-lhe que era Algés, refúgio de pequenas barcas e de banhistas pobres e domingueiros.

— E esta? — perguntou, mais adiante.

— Esta — tornou o revisor —, é Cruz Quebrada, fim da minha jornada e começo da tua. Se queres atingir os Estoris, ou qualquer das praias nobres, tens de seguir por essa estrada larga, sem nunca te desviars nem para a esquerda nem para a direita. Se trazes destino e dinheiro para a passagem, tens o comboio, que é rápido e certo. Escolhe.

— Escolho o comboio — disse o rapaz.

— Que estação?

## um conto de José Cardoso Pires

— Cascais. Não. Estoril.  
— Que bilhete?  
— Terceira classe.  
— Vejo que és esperto — disse o revisor. — Podes ir, que não te perdes.

E foi. Lancheira na mão, botas de sete léguas, calça comprida e pente no bolso, João Janico (Perninhas de Lebre, Orelhas de Bico), viu-se levado ao longo da costa e num abrir e fechar de olhos estava no meio de um jardim com muitas lojas a toda a volta. Era o comércio à espera dele, mas ainda fechado àquela hora da manhã.

Viu luz numa porta, bateu. Apareceu-lhe uma menina muito bela e desdenhosa.

— Não precisa de um rapaz para as voltas e recados?

— Rapaz? Aqui é uma perfumaria. Experimenta a casa ao lado.

Passou à seguinte: ninguém. Depois à outra e à outra.

— Não precisa de um rapaz para as voltas e recados?

— Volta mais logo. O patrão ainda não chegou.

# Os Reis Mandados

— São grandes, são. Mas antes folgadas, que justas. Que é isto? Forros de pele?

— Admira-se? Pois veja o resto. Já reparou nestas solas? Já viu como estão metidos os pontos?

— Cheiram a novas — disse, do lado, a mulher. — Há quem não possa com este cheiro, mas a mim sempre me soube bem. Sempre. Desde pequena.

— O cheiro do cabedal — declarou o hóspede, baixinho.

— Principalmente do cabedal talhado à mão. O cabedal trabalhado nas fábricas, nunca teve este cheiro.

Apesar de ser Verão e no Verão anoitecer, como se sabe, muito mais tarde e devagar, os dois homens e a mulher que observavam as botas, não se tinham lembrado de acender a luz. Não tinham, possivelmente, dado pela noite, pois estavam de pé, enfiados numa cave com porta para a calçada, presos a duas coisas pesadas e simples, dois vultos que, na verdade, eram botas, mas que com a morte do dia se tinham transformado de formas em vultos e de vultos em manchas, apenas.

cheiro dos couros espetados nas portas e nos paus.

Do sítio em que se encontrava não distinguia as botas, ou as manchas soltas que elas podiam ser, entre dois homens no escuro. Para ela, mulher sentada num caixote e de abano no regaço, as botas eram cheiro guardado e recordação. Ou talvez mais: infância, juventude.

— Mulher — disse-lhe o marido. — Chama-me esse rapaz.

E ela, muito pronta:

— Janico. Oh, Janico.

Gritou mesmo dentro de casa, levantando-se como quem acorda de repente com a lembrança de um nome. Depois, pôs-se a espreitar a rua.

Voltou-se para o norte: — Janico!

Voltou-se para o sul: — Oh, Janico!

Voltou-se para um vizinha que vinha buscar água ao chafariz e para um rapaz fundidor, que passava devagarinho na lambreta:

— Não viram o meu João?

Palavras não eram ditas, saltava-lhe ali mesmo o filho, quase por baixo das salas:

— Senhora...

## Ilustração de Nikias Skapinakis

João Janico sentou-se então no jardim, fazendo horas. Pela frente dele, passavam automóveis de toda a espécie, cavalos de linda estampa levados pelos tratadores e, no mar, tocados pelo vento, barcos.

Pôs-se a contar automóveis. Resolveu que se nos primeiros cinco viesse um carro encarnado, era sinal de que arranjaría emprego nessa manhã. Contou e perdeu. Contou outros cinco: ganhou.

«Agora não vale. Se tivesse acertado à primeira, é que sim. Mais uma vez para desempatar?»

Reconhecia que tinha apostado numa cor difícil, mas isso não lhe desagradava, visto que na sua pouca idade já aprendera que, quanto mais arriscada é a prova da sorte, mais seguro é o resultado. Escolher, por exemplo, um carro preto não seria habilidade nenhuma, não poderia mesmo considerar-se uma pergunta ao destino. A sorte não se dignaria responder se assim fizesse, pensava ele. Poderia até ofender-se e castigá-lo.

Neste jogo de cor e destino, foram-se abrindo as lojas e foi-se firmando o sol. Janico pegou num espelhinho que trazia com ele, num pedaço de pente e ajeitou o cabelo.

—É preciso algum rapaz para as voltas e recados?

E os homens respondiam:

— Estamos servidos, pequeno trabalhador.

Ou:

— Volta mais tarde.

Ou ainda:

— Deixa-nos o nome; nós te chamaremos.

A hora do meio-dia, tinha os pés em labareda dentro das pesadas botas. A garganta, ardia-lhe de secura e como naquele sítio os caminhos eram de alcatrão e abertos ao sol a pino, a caminhada era lenta, presa ao calor da terra. Então ergueu os olhos aos céus incendiados:

— Água! — suspirou; e disse, baixinho, mas disse: — Quem me dera aqui um chafariz ou uma mangueira para eu beber e molhar a cara.

«Tens bom remédio», aconselhou uma voz dentro dele. «Volta costas ao caminho e dirige-te para onde vieste. Lá encontrarás o mar e, por certo, quem te mate a sede.»

Assim foi. João Janico, depois de muito marchar sobre o alcatrão, veio ter a uma estalagem entre a estrada e o mar. Pedia água ou pedia trabalho?

Pediu água, dois copos de enfiada. Depois, perguntou:

— Que terra é esta, meu senhor?

Responderam-lhe que era São Pedro, a dois passos do Estoril.

Perguntou mais: que estrada era aquela que ali via, onde levava e qual o seu nome.

— É a estrada dos banhistas e dos estrangeiros. Para cima, leva ao Jogo, para baixo aos Ministérios o seu nome é Marginal. Estás satisfeito, rapaz?

Janico agradeceu e saiu. Tão pesado se sentia, tão consolado também, que se descalçou. O mar chamava-o com a sua frescura, sua doce solidão, e o pequeno caminhante não lhe soube resistir. Atirou-se para ele de braços abertos, empunhando a lancheira e as botas.

— Val disto! — bradou, correndo pelo areal.

Só parou quando a água lhe beijou os pés martirizados. E foi tal o alívio que lhe entrou no corpo e na alma, que ficou suspenso e firme, sem pensar, sem ouvir, sem nada, um verdadeiro marco de pedra respeitado pelos oceanos. Dalí em diante havia de lhe custar esquecer o mar e principalmente a delicada maneira como tinha sido recebido por ele.

«Se eu tivesse um barquinho, vivia aqui toda a vida», pensou.

Seguiu, praia fora, sempre por rochas e areia molhada, sempre parceiro do mar. Andou, andou, e ao cabo de muito andar, sentou-se à sombra de uma muralha. Escolheu o sítio com cuidado para evitar que os limos ou as algas lhe manchassem as calças. Em seguida, tirou o farnel que vinha num tacho e que era: pão, arroz e um carapau. E comeu.

Enquanto comia pôs-se a observar a lancheira feita pelo padraço, de finas tábuas aplainadas e pequenos cantos de folha. Isso e as calças molhadas na bainha, apesar de as ter arregaçado, lembravam-lhe a família e a sua obrigação de pequeno trabalhador, marcano ou moço para voltas e recados.

Contava com o tempo do almoco para separar a roupa e com a tarde para descobrir um patrão que o recebesse. «É mais seguro na parte da tarde. Os patrões ricos ficam na cama de manhã.»

Por todo o lado saltavam as humildes pulgas do mar que, para ele, eram bichos de alto mistério. Pareciam-se com os camarões, brancos e em mais pequeno, e talvez não passassem, na verdade, de camarões de leite ou filhos de camarões acabados de sair do ovo. Não achava impossível que assim fosse, visto que nas *Aventuras do Capitão Morgan* as tartarugas vinham desovar às praias desertas e, como elas, tantos outros animais do mar. Estas pulgas-pulguit-



nhas podiam muito bem ser camarões em pequenino, e os camarõeszinhos, lagostas de pouca idade.

— E os caranguejos? — Santolas de pouca idade. E os carapás? Chicharros de pouca idade. E as baleias? Ui, as baleias! As baleias são peixes velhos, os peixes de maior idade que há no mundo.

João Janico arrumou a lancheira e preparou-se para partir. Se fosse um verdadeiro operário, teria fumado o seu cigarro e dormido a sua sesta. Mas era ainda um rapaz-marcano e os marcanos querem-se à ordem dos patrões. A todo o momento e para aquilo que for necessário.

### III

**J**OÃO Janico (Perninhas de Lebre, Orelhas de Bico) correu as portas principais. A umas disseram-lhe que voltasse, noutras que desistisse. Procurou casas mais pobres, como simples tabernas de estrada ou mercearias de um só dono: a mesma coisa. Não queriam, não precisavam.

Desiludido e, para mais, com os pés mordidos pelas botas, começou a caminhada de regresso. Tinha-se afastado muito do mar na ânsia de descobrir dono e pão e agora, morto de cansaço, seguia a passos curtos — de velho, não de criança — amparado aos muros e às coisas. É certo que fez parte do caminho descalço, mas à medida que se aproximava das casas do grande comércio por onde tinha passado, temia ser reconhecido em tão desgraçada figura. Temia isso de tal forma que de vez em quando puxava do espelho e passava o caco de pente pela cabeça.

Neste caminhar escorraçado chegou a uma rua coberta de tilias, muito fresca e sossegada. Rua sem comércio, note-se: só vivendas e criadas de farda. Chegou, deixou-se escorregar por uma parede abaixo até cair, sentado no passeio, como um cego de pedir. Tirou as botas: quentes por dentro, duas fornalhas. Olhou os pés: rotos, inchados de bolhas e suor ardido.

(Continua na página 54)

## OS REIS-MANDADOS

(Continuação da página 41)

O rapaz perguntou a si mesmo quanto tempo teria de usar aquelas botas até se lhe ajustarem ao pé; se porventura seria uso dos patrões fornecerem calçado aos marçanos e se no dia seguinte, no outro e no outro, teria de procurar trabalho da mesma maneira, com aquelas botas.

Ao cair da tarde, estava ele ainda sentado a receber a paz e a aragem que subia do mar, apareceram uns rapazitos correndo ao «Rei-Mandado». Ia à frente o Rei e coisa que ele fizesse teria de ser repetida pelos outros.

— Rei-Mandado. Um!

— Rei-Mandado. Dois!

— Rei-Mandado. Três!

Rei-Um saltou e os outros saltaram; Rei-Um apanhou um galho de trepadeira e os outros quebraram igual galho. Rei-Um passou pelo rapaz sentado e deu-lhe uma palmada na lancheira.

Escusado será dizer que João Janico se pôs, num salto, de pé, contra a parede. Em menos de nada tinha calçado as botas e estava em guarda. Sabia que, pelas regras do «Rei-Mandado», cada qual teria de dar a sua palmada na lancheira, por isso esperava o ataque.

— Experimentem — ameaçava.

Os outros andavam de largo, com o olho nele. A pouco e pouco foram-se chegando, fazendo fintas para lhe estudarem as respostas, e o rapaz percebeu que começavam a perder-lhe o medo. Chegavam a passar-lhe ao alcance dos braços mas ele bem via que por enquanto queriam apenas arrancá-lo da protecção da parede. Queriam, calculou ele, chamá-lo para campo aberto onde pudessem rodeá-lo à vontade. Rei-Um vigiava.

(Continua na página 56)

## OS REIS-MANDADOS

(Continuação da página 54)

— Experimentem, vá.

Um, mais atrevido, atirou-se de corrido cega à lancheira; nisto fez uma curva repentina, curva de andorinha, e escapou-se rente ao muro. Tornou à carga: desta vez, sim, acertou-lhe. Janico esbracejou para o espantar mas recebeu um encontrão do outro lado, perdeu o pé, e sentiu nova palmada na lancheira. O jogo estava acabado. Quando deu por si, viu-se caído no passeio a chorar.

Os dois Reis-Mandados, vendo que tinham cumprido o seu recado, abalaram com risos velhacos. Mas, como se diz, a curiosidade é irmã da má consciência tanto nos pequenos como nos adultos e os rapazitos dentro de pouco tempo estavam de volta. Encontraram João Janico lavado em lágrimas, a arrumar as coisas na lancheira. Soluçava e queixava-se sozinho:

— Borregos, filhos da mãe.

Rei-Um, que vinha à frente, acercou-se com bons modos:

— Partiu-se alguma coisa?

Janico baixou os olhos, e não respondeu nem o insultou porque havia nesse chefe de reis-mandados uma certa tranquilidade muito própria dos jogadores que obedecem às leis (por mais duras que elas sejam) e que depois disos voltam a ser pessoas naturais — como qualquer de nós. Vieram os outros dois,

com desculpas e mão estendida para o levantar. Janico recusou. Estava ofendido; mais do que ofendido, desorientado.

Em vistas disso os desconhecidos sentaram-se junto dele, no passeio. Começaram por declarar que eram reis-mandados e que, como tal, cumpriram a obrigação de tocar-lhe na lancheira. Mais nada.

— Quando reinas ao Rei-Mandado não fazes o mesmo?

Janico, sempre de olhos no chão, acenou com a cabeça: fazia. Sendo assim, o culpado, se havia ali culpado, seria o chefe que tinha escolhido a lancheira para prova do seu poder. Mas a verdade é que no Rei-Mandado os bons chefes conhecem-se pelas partes novas que inventam e, principalmente, pelas surpresas difíceis. O mau chefe, o medroso, limita-se a dar berros ou a passar à volta de candeieiros, e coisas assim.

— Pela saúde da minha mãe se eu contava que tu saísse — disse um dos rapazitos.

— E eu? Mal lhe toquei — disse outro.

E Janico, tristemente:

— Bem sei, foram as botas.

Conversa puxa conversa, daí a nada estavam em boa companhia falando de lutas e de namoradas, sobretudo das namoradas que tinham durante a estação dos banhos que é a época em que as raparigas andam quase despidas, loucas com o calor. «Nessas alturas», contou o Rei-Um, «sucodem-se aqui coisas que não sucedem em parte nenhuma do mundo.»

Conversaram e passaram cigarros debaixo das tílias e ainda hoje lá estariam se não fosse o rapaz

lembrar-se da mãe e do padrasto e da distância até casa. Os outros acompanharam-no ao comboio que ficava perto dali. Mas mesmo perto, os pés martirizados de Janico não tardaram a revoltar-se.

— As botas — explicava ele. — Estas malditas botas.

— Despacha-te, pá. Um gajo com essas faluas é uma vergonha.

O rapaz sacudia a cabeça, calado. No íntimo concordava com o que ouvia mas não se achava com coragem de explicar a razão por que tinha de seguir tão torturado. Devagar, entre suspiros, meteu por travessas sombrias com luzes de candeieiros a balouçarem na ramagem das árvores e desembocou num parque adormecido, muito grande e muito triste.

— Conheço este parque — disse de si para si, o que era muito natural, uma vez que se tratava do jardim onde tinha estado de manhã. Podia ver o mar e a estrada que corria pela costa; podia mesmo descobrir, se espreitasse para lá do arvoredado, o comércio nobre e principal numa alegria de luzes. Somente, ele ia de cabeça caída, destroçado, cortando a noite perfumada entre reis-mandados e um chefe.

No comboio quis tirar as botas, veio o revisor e obrigou-o a calçá-las. Obedeceu e voltou-se todo para a janela. Mas voltado para a janela, não via a noite, não via casas, nem a terra nem o mar por onde vijava. Via só, espelhado na vidraça, o rosto dele a olhá-lo, a olhá-lo.

— Janico, Rei-mandado — disse baixinho para o rosto da vidraça. — João Janico... — tornou em vez meiga. E sorriu-lhe.